



**PERSPECTIVAS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 2, Nº 2, 2021, P. 230-243  
ISSN: 2448-2390

## **Ontologia da relação em *A ideologia alemã* de Karl Marx**

### **Ontology of the relationship in Karl Marx's *German ideology***

DOI: <https://doi.org/10.20873/rpv6n1-95>

**Klédson Tiago Alves de Souza**

Orcid: <https://orcid.org/000-0002-0422-3506>

Email: [magal.ic@hotmail.com](mailto:magal.ic@hotmail.com)

**Emerson Araújo de Medeiros**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5121-4074>

Email: [emerson.ufpi@gmail.com](mailto:emerson.ufpi@gmail.com)

#### **Resumo**

Neste artigo buscamos refletir acerca de uma ontologia da relação no pensamento de Karl Marx. Tomamos como ponto de partida a obra *A Ideologia Alemã*. Na filosofia marxiana, a ontologia nasce do pensamento cotidiano, isto é, o sujeito com suas relações passa a primeiro plano na história. Aqui o homem é visto como atividade sensível, e isso significa vê-lo como mescla de teoria e *praxis*, tendo a vida real, ou a prática, como fundamento constitutivo da teoria, e não o inverso.

#### **Palavras-chave**

Karl Marx. Atividade Sensível. Praxis.

#### **Abstract**

In this article we want to reflect about relationship ontology in the Karl Marx's thought. Our starting point is the work *The German Ideology*. In Marxist philosophy, ontology comes up of daily life, the subject with his relations get out of second plane and comes to the fore in history. Here man is seen as a sensitive activity, and that means seeing him as a mixture of theory and *praxis*, with real life, or practice, as the constitutive foundation of the theory, and not the other way around.

#### **Keywords**

Karl Marx. Sensitive Activity. Praxis.

## 1. Introdução

Sobre uma ontologia marxiana da relação não é nada fácil discutir. Primeiramente pelo próprio conceito de ontologia que já é muito bem pensado a partir da filosofia de Aristóteles, Tomás de Aquino, Hegel, entre outros. Não obstante, há um fator que é diferencial: para estes, a ontologia, a partir da leitura de seus textos, é algo idealista, mais metafísico que propriamente ontológico. Isto é, tem seu ponto fundamental na ideia, portanto, não se sabe se se pode, de fato, chamar ou colocar o problema filosófico do ser como ontologia ou metafísica neste modo de se pensar o problema; diferentemente dessa concepção, ou “colocando o pensamento com os pés no chão”, como diria Engels (2012, p. 151), Marx parte da realidade posta, isto é, tem seu ponto de partida para a discussão filosófica no materialismo dialético, isto é, não mais tendo a ideia ou consciência como ponto de partida, mas as relações sociais. Cabe agora investigar como se dá esse processo e como poder-se-á pensar em ontologia da relação na filosofia marxiana a partir de sua obra *A ideologia alemã*.

Lukács<sup>1</sup> trouxe à tona a problemática ontológica<sup>2</sup> em sua obra *Ontologia do Ser Social*<sup>3</sup> em que cumpre, “[...] uma tarefa hercúlea: extrair de Marx e elaborar a partir da obra marxiana uma ontologia” (NETTO, 2012, p. 14). É com os olhos em *A ideologia alemã* (2007) de Karl Marx e Friedrich Engels que se apontará a perspectiva de se pensar uma ontologia da relação.

Ora, poderia o leitor se perguntar, mas o que quer dizer ontologia nessa perspectiva de Marx? Em Marx há inevitavelmente uma dose de essencialismo, todavia, em Marx essa ontologia, enquanto conceito é tomada na acepção em que põe a essência humana no conjunto de suas relações sociais, e não como costuma-se ver em outros autores, numa transcendência. Ora, ao longo da história ele foi usado num sentido de caracterização do ser e do transcendente, e em

---

<sup>1</sup> Para uma boa síntese da biografia de Lukács veja-se o texto de Maria Orlanda Pinassi que se encontra em: LUKÁCS, 2012. Cf. também a apresentação do professor José Paulo Netto (2012) e se terá uma boa introdução biográfica sintetizada além de uma boa introdução e apresentação da obra.

<sup>2</sup> COSTA, Frederico. O pensamento ontológico de Marx e os desafios da luta de classes no século XXI. Disponível em: <http://www.blogconvergencia.org/?p=412&print=print>. Acesso em 19 de setembro de 2016, às 9h.

<sup>3</sup> Poderemos usar a obra de Lukács, contudo, não como obra principal, pois nosso objetivo é analisar se é possível na obra *A ideologia Alemã* de Marx uma ontologia da relação.

Marx ganha uma virada. Por isso esse artigo pode ganhar força enquanto provoque a reflexão filosófica, com os pés no chão, sobre este conceito.

Um dos pontos iniciais em que nasce essa necessidade de se pensar uma ontologia da relação está caracterizada (e pode ser vista) na XI tese *Ad Feuerbach*: “Os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é de *transformá-lo*” (MARX, 2007, p. 103). Como também bem exemplificada em Lukács (2012, p. 22) que já na introdução faz uso de um dado para apresentar essa problemática: “Temos conhecimento, por exemplo, da hipótese heliocêntrica de Aristarco, que não teve qualquer influência sobre a ciência e a filosofia e, não obstante, as causas sociais desse fato não foram nem sequer discutidas”. Então, desta forma percebe-se que se pensou de modo inverso a realidade. Isto é, partindo de ideias *a priori* queria-se entender a totalidade da realidade, e desta forma deixava vaga aquilo que de fato interessa ao homem, a sua realidade. É da realidade que se pode compreender a realidade em si. A ontologia nasce desse pensamento cotidiano (LUKÁCS, 2012), contudo, fora esta unidade de pensamento que está na realidade, isto é, o sujeito, que ficou em segundo plano, pelo menos até a virada filosófica marxiana. Com Marx isso aparece de modo diferente, pois se se olhar para a *Ideologia* ver-se-á uma crítica ao idealismo alemão e a todos aqueles filósofos que estavam por trás dela, estes nada fizeram senão seguir sistemas determinados de pensamento. Marx, por outro lado, via a filosofia como essa capacidade de transformação da sociedade e não sistematização somente, por isso ele se opõe ao pensamento hegeliano idealista, não deixando de reconhecer o poder filosófico de Hegel, e até mesmo usando este poder para superar o próprio autor, quando se apropriou de seu conceito de sua dialética, mas dando uma nova significação.

## **2. A grande virada filosófica**

A grande virada filosófica de Marx é quando aponta para a questão na qual os jovens hegelianos não se detiveram, isto é, a ligação entre a filosofia alemã e a própria realidade alemã, “a ligação entre a sua crítica e o seu próprio meio material” (MARX, 2007, p. 10). Claro, é possível observar que toda a filosofia alemã daquele período, mesmo dividida entre direita e

esquerda, tinha uma base idealista comum, a filosofia hegeliana. Desta forma, o ponto de partida de tais filosofias de esquerda e direita hegeliana era a ideia e não a realidade.

É interessante e assaz perspicaz a interpretação trazida por Engels em *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, antes de indicar Marx como o filósofo materialista e revolucionário, ele interpreta Hegel como aquele que será o auge e o fim da filosofia idealista, isso porque Hegel em seu sistema filosófico traz a tese de que “Todo o real é racional e todo o racional é real” (ENGELS, 2012, p. 133). Engels irá elucidar o que está por trás dessa tese: “[...] para Hegel, nem tudo o que existe é real pelo simples fato de existir. Em sua doutrina, o atributo da realidade só corresponde ao que, além de existir, é necessário: ‘a realidade, ao revelar-se, revela-se como necessidade’” (ENGELS, 2012, p. 133). É preciso o estatuto de necessidade para que algo seja, de fato, real, segundo a interpretação dada por Engels. Outra decorrência da tese é que “Todo necessário é racional”. Após elucidar estes pressupostos da tese hegeliana Engels a resolve usando o próprio método discursivo de Hegel, isto é, a dialética. Desta forma afirma Engels: “o que existe merece perecer” (ENGELS, 2012, p. 134), aqui encontra-se o caráter revolucionário da filosofia de Hegel, tudo muda. A verdade<sup>4</sup> não se dá como absoluta, mas como processo de busca, isto é, não há termo para essa verdade. Claro, Engels faz tudo isso para mostrar também que, o problema de Hegel foi ter partido da ideia e não ter olhado para as condições materiais que dão existência àquele que pensa a ideia. Não é a ideia que precede o indivíduo,

---

<sup>4</sup> ENGELS, 2012, p. 134: “Em Hegel, a verdade que a filosofia devia conhecer não era uma coleção de teses dogmáticas fixas que, uma vez encontradas, só deveriam ser memorizadas; agora, a verdade residia no próprio processo de conhecer, na larga trajetória histórica da ciência, que, desde as etapas inferiores, se remonta a fases cada vez mais altas de conhecimento, mas sem chegar jamais, pelo descobrimento de uma chamada verdade absoluta, a um ponto em que já não possa seguir avançando, em que só lhe reste cruzar os braços e sentar-se para admirar a verdade absoluta conquistada. [...]. Do mesmo modo que a burguesia, por meio da grande indústria, a concorrência e o mercado mundial, acaba praticamente com todas as instituições estáveis, consagradas por uma venerável antiguidade, esta filosofia dialética acaba com todas as ideias de uma verdade absoluta e definitiva e de estados absolutos da humanidade, congruentes com aquela. Ante esta filosofia, não existe nada definitivo, absoluto, sagrado; em tudo põe em relevo seu caráter perecível, e não deixa de pé mais que o processo ininterrupto do devir e do parecer, um ascenso sem fim do inferior ao superior, cujo mero reflexo no cérebro pensante é esta mesma filosofia. Certo é que tem também um lado conservador, ao mesmo tempo que reconhece a legitimidade de determinadas fases do conhecimento e da sociedade, para sua época e sob suas circunstâncias; mas nada mais. O conservadorismo deste modo de conceber é relativo; seu caráter revolucionário é absoluto, é o único absoluto que deixa de pé”.

mas é o contrário. Engels detecta a necessidade do espírito humano de acabar com as contradições existentes, e é esse ímpeto que está no sistema filosófico de Hegel que parte da ideia como finalidade de se atingir uma verdade absoluta, contudo acaba por cair em contradição quando em seu método dialético afirma a mudança e a inalcançabilidade de uma verdade absoluta. Assim, se tem uma nova contradição no próprio sistema hegeliano detectado por Engels (2012, p. 136, grifo nosso):

Assim que descobrimos – e, no final das contas, ninguém nos ajudou mais que Hegel a descobri-lo – que colocada assim a tarefa da filosofia, não significa outra coisa que pretender que apenas um filósofo nos dê o que só pode nos dar a humanidade inteira em sua trajetória de evolução; tão logo descobrimos isso, se acaba toda filosofia, no sentido tradicional desta palavra. A “verdade absoluta”, impossível de alcançar por este caminho e inacessível para um único indivíduo, já não interessa, e o que se persegue são verdades relativas, acessíveis pelo caminho das ciências positivas e da generalização de seus resultados mediante o pensamento dialético.

Daí, Engels diz que é Marx quem de fato cumpre o papel de enterrar a filosofia idealista, tendo em vista que até mesmo Feuerbach não encarou o sistema hegeliano, apenas o deixou de lado. Feuerbach cumpre um papel importante puxando a discussão para o homem, contudo, ficou no homem abstrato e não no homem real. É Marx quem desce esse homem feuerbachiano para o chão da realidade.

Marx dá uma virada no momento em que coloca o homem real como ponto de partida. Isto é, coloca indivíduos reais e suas condições materiais de existência no centro da discussão filosófica. Já não é mais a ideia que forma a realidade e sim a realidade que forma a ideia. Isso acontece porque há algumas coisas que é preciso se constatar antes de tudo, a saber: “A primeira condição de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos vivos” (MARX, 2007, p. 10). Desses seres humanos vivos observa-se que há umas constituições, tais como: constituição corporal do indivíduo, relações geradas entre esses indivíduos e relações entre os indivíduos e a natureza.

Observe-se que Marx está a tratar naturalmente daquilo que é mais iminente ao homem, isto é, as condições materiais de sua existência. É esta a grande virada. Para tanto, Marx se utiliza da distinção entre homem e animal para apontar o que de fato é o primeiro ponto de

distinção, isto é, a produção dos meios de existência material<sup>5</sup>. Contudo, é preciso se buscar como surge a produção de tais meios materiais de existência. Tendo em vista que antes de tudo, estes meios que são produzidos pelo homem dependem da natureza dos meios já existentes. Marx expõe com isso a verossimilhança entre o que os homens são e o que eles produzem, isto é, aquilo que os homens produzem para sua existência material manifesta o que ele são. Desta forma, “o que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com *o que* eles produzem quanto com a maneira *como* produzem” (MARX, 2007, p. 11), culminando na tese de que o que os indivíduos são depende das condições materiais da sua produção. Mas, ainda fica a questão como se dá essa produção? Ao que parece o homem se faz homem enquanto está produzindo. Mas o que é necessário para tal produção?

### 3. Ontologia da relação

A ontologia da relação adentra, diante da perspectiva marxiana da qual estamos tratando, na necessidade de produção. Isto é, se a primeira coisa que caracteriza o homem são as condições materiais de produção, para tal se faz necessário uma relação do homem com o meio, e depois do homem com os outros homens. A esta última relação, Marx irá chamar de *verkehr*, ou seja, intercâmbio no sentido amplo de relação de comércio.

Observe que acima fora tratado do que aqui se chama de virada filosófica que culminou na tese de que *os indivíduos são dependentes das condições materiais de produção*. Mas, há algo que deve ser anterior a essa produção, que é justamente a relação entre os indivíduos proporcionada pelo aumento da população: “Essa produção só aparece com o *aumento da população*. Esta pressupõe, por sua vez, o intercâmbio dos indivíduos entre si. A forma desses intercâmbios se acha, por sua vez, condicionada pela produção” (MARX, 2007, p. 11). É de notar que há aqui um movimento cíclico, o que determina o homem como homem são as condições materiais de

---

<sup>5</sup> Esse movimento filosófico que Marx faz de partir da produção dos meios de existência material o coloca em outra via completamente distinta da de Feuerbach, para quem a distinção entre o homem e o animal é o aspecto religioso em torno da consciência (*Bewusstsein*), com uma dualidade de mundo exterior e mundo interior.

sua produção, mas nessa produção há uma relação entre os indivíduos que precede a produção, contudo, esta relação é condicionada pela produção. Assim, pode-se pensar que as relações ontológicas são condicionadas pela produção. A produção é a necessidade para se estabelecer a relação.

O que Marx está querendo propor com essa sequência lógica de conteúdo? Se bem observado, é possível perceber que a perspectiva de Marx e Engels é tão materialista que o que ele aponta é a ideia de que a essência do homem se dá naquilo que é material, isto é, na relação de produção, no trabalho. Este é o ponto de partida da construção filosófica de Marx (2007, p. 19, grifo nosso):

São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., mas os homens reais, atuantes, tais como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. *A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente*; e o ser dos homens é o seu processo de vida real.

A essência do homem é sua atividade produtiva, o homem se realiza nessa relação de produção, poder-se-ia pensar que seja uma atividade produtiva de um ser consciente. É interessante notar que o conceito utilizado por Marx para falar do consciente é *Das bewusste Sein*, isto é, um ser consciente e não somente *Bewusste*, consciência. Isso se dá devido a Marx entender que o ser que é consciente tem a primazia e que esta consciência se dará mediante as suas relações. Doravante adentraremos nessa discussão.

Se se olhar pelo aspecto moral, veremos que também o estabelecimento de tal caráter é posto após o estabelecimento das relações. Com isso, quer-se destacar o aspecto da relação como primeiro estatuto ontológico para todas as outras, tais como: produção, moral e tudo o que envolve a vida material humana. Sobreira Filho (2010, p. 31) tratando deste aspecto da moral a partir de uma proposição de Engels<sup>6</sup> diz: “[...] a moral é uma forma de prática social, na

---

<sup>6</sup> A citação usada pelo autor é: “para se chegar à conquista de uma moral realmente humana, subtraída de todo antagonismo de classe, teremos, antes, que alcançar um tipo de sociedade na qual não tenha somente sido abolido o antagonismo de classe, mas que também esse antagonismo tenha sido afastado das práticas da vida”. (ENGELS, 1977, p. 79). Cf. SOBREIRA FILHO, 2010, p. 31.

medida em que é a própria dialética dessas relações que engendra e transforma as concepções morais quanto, por outro, na própria preocupação em aclarar conceitualmente a prática enquanto categoria filosófica”. Destaca-se este aspecto apenas como embasamento para afirmar a relação ontológica como ponto de partida para as demais categorias que esta desenvolve.

Dito isto, pode-se agora partir para um outro aspecto que é interessante a esta discussão, a saber: o fator histórico. Aqui é preciso, para acompanhar bem a linha de raciocínio de Marx, seguir o caminho por ele traçado. Veja que Marx toma como primeiro passo a satisfação das necessidades básicas, isto é, comer, beber, morar, etc., e dessas satisfações os homens tem “condições de viver para poder ‘fazer história’” (MARX, 2007, p. 21). O enfoque nesse momento é o processo de produção da história, mas é preciso observar como se dá esse processo e perceber que Marx parte das necessidades materiais e mostra como se dá a construção da história, e isso é importante para poder ir à próxima seção que tratará sobre o ser consciente e a consciência. É no processo de construção ou produção, em termos marxianos, que se dá essa relação.

Nesse processo de produção da história há três aspectos relacionais a serem destacados.

O primeiro pressuposto oferecido por Marx é a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades que garantem a existência, tais como comer, beber etc., isto é “a produção da própria vida material” (MARX, 2007, p. 21). Marx foi muito sagaz ao elencar este pressuposto como primeiro, pois sem vida humana não se faz história. A história é produção própria do homem. Marx compreendeu isso mostrando que todo o processo da história nasce desse ponto básico e fundamental<sup>7</sup>. O segundo pressuposto é o do surgimento de novas necessidades a partir da satisfação daquele que é basilar e da aquisição de instrumentos utilizados para satisfazê-lo. Essa produção de novas necessidades, Marx a coloca como primeiro ato histórico. O terceiro pressuposto relacional é a família, isto é a ação do homem procriar e criar outros homens, a relação intrínseca entre homem, mulher, pais e filhos. Neste ponto o autor de *A ideologia alemã* chama a atenção para o trato com a ideia de família; tal conceito não deve ser tratado

---

<sup>7</sup> É interessante destacar que no momento em que Marx elenca esta produção da vida material como primeiro pressuposto levanta uma crítica ao idealismo que esqueceu aquilo que é basilar para se fazer história, a vida humana.



como o tratara até então a filosofia alemã, isto é, apenas como conceito (o conceito de família), devendo ser pensado a partir dos fatos empíricos.

Disto, há, de fato, a partir da leitura de *A ideologia alemã* (2007), uma ontologia da relação, pois tudo é precedido ou envolto, ou ainda, resultado de uma relação. Se se olhar, por exemplo, os dois grandes núcleos dos apontamentos acima feitos, por um lado temos uma produção da própria vida; há uma relação do homem com o meio, mediado pelo trabalho. Depois, produção de vida pela procriação, que instaura uma relação do homem com a mulher. Parece que, a relação se faz necessária no processo de construção da história. É possível ousar dizer que sem relação ontológica não se faz história, não se faz cultura e não se faz trabalho. Tudo é relação. Agora, poder-se-ia levantar a questão: qual seria a essência da relação? E tenderíamos a responder dizendo que seria a mesma que a essência do homem, isto é, a produção, o trabalho.

Para finalizar esta breve discussão sobre a relação ontológica no pensamento marxiano pode-se pensar em algumas das teses de Marx ad Feuerbach. Dentre as quais se destacam as: III, VI, VII, VIII e X.

A tese III traz uma crítica de Marx à doutrina que coloca o homem como produto das circunstâncias e da educação, mas não observa que são precisamente os homens quem transformam as circunstâncias. Na tese VI está apontado a essência desta discussão, o autor diz que “a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. [...] ela é o conjunto das relações sociais” (MARX, 2007, p. 101). Na tese VII Marx aprofunda a anterior e diz que a religião é um produto social determinado, assim como tudo surge das relações a religião não estaria isenta. Na tese VIII está posta a sentença: “Toda vida social é essencialmente *prática*” (MARX, 2007, p. 102, grifo do autor). A vida social está inserida na *práxis* e esta, naquela. Por fim, a tese X culmina mostrando o ponto de vista do materialismo que Marx inaugura: “O ponto de vista do velho materialismo antigo é a sociedade ‘civil’. O ponto de vista do novo materialismo é a sociedade *humana*, ou a humanidade social” (MARX, 2007, p. 103, grifo do autor). O foco do materialismo marxiano é pensar aquilo que é concreto ao homem, e o que lhe é mais

iminente é a relação, por isso é possível se pensar dentro da filosofia marxiana uma ontologia que pensa o ser e o que lhe é mais intrínseco, isto é, suas relações<sup>8</sup>.

#### 4. O homem como atividade sensível

Marx e Engels dedicam uma subseção inteira à temática da *produção da Consciência*. É interessante como os autores colocam o problema da relação ser consciente e consciência a partir de um movimento de opressão, denominado de *mercado mundial*. E para tal superação desse impasse social aponta-se a seguinte assertiva: “a libertação de cada indivíduo em particular se realizará exatamente na medida em que a história se transformar completamente em história mundial” (MARX, 2007, p. 34). O que essa fórmula quer dizer é que a riqueza e a potência libertadora, e intelectual, do homem está na relação social. Veja-se que Marx e Engels estão propondo a libertação que é proporcionada pelas relações práticas com a produção do mundo inteiro, sem limitações locais ou nacionais, isso para que os homens façam usufruto do seu trabalho a nível mundial.

Poder-se-ia fazer a seguinte questão: o que Marx está querendo é uma consciência que seja formada pelas relações sociais?

O que está em xeque neste momento é o modo como se interpreta o homem. Em *A ideologia alemã* está um paralelo em forma de crítica do modo que Marx interpreta o homem com o modo de Max Stirner, Bruno Bauer e Feuerbach. Marx faz duras críticas a estes autores, aponta os erros em que cada um caiu ao não observar o homem como atividade sensível (*menschlich sinnliche Tätigkeit*). Aponta que somente Feuerbach chegou a ver o homem como objeto sensível, contudo não atingiu o fato de vê-lo como atividade sensível. Sobre Feuebach, Marx (2007, p. 46) diz:

[...] ele se contenta com a teoria e não considera os homens em seu determinado contexto social, em suas reais condições de vida, que deles fizeram o que hoje são; e o fato é que ele nunca chega aos

---

<sup>8</sup> Para um aprofundamento maior sobre os agrupamentos de teses *ad Feuerbach* e uma análise bastante interessante das mesmas, cf. BLOCH, 2005, p. 247-282.

homens que existem e agem realmente; fica numa abstração, ‘o homem’, e só chega a reconhecer o homem ‘real, individual, em carne e osso’, no sentimento.

É interessante notar que já nas *Thesen ad Feuerbach* Marx aponta este mesmo problema, e traz como centro para essa questão a tese V em que afirma: “Feuerbach, não satisfeito com o pensamento abstrato, quer a contemplação; entretanto, não concebe a sensibilidade como prática, atividade humana sensível” (MARX, 2007, p. 101). Veja-se que já em sua tese V Marx aponta a necessidade de se pensar o homem enquanto atividade sensível e na Tese IX vai como que concluir: “O ponto mais alto alcançado pelo materialismo contemplativo, isto é, o materialismo que não concebe a sensibilidade como atividade prática, é a visão de sujeitos individuais e da sociedade civil”. O que está por trás<sup>9</sup> dessas teses é o modo individualista de entender a sociedade tido por Hegel, Feuerbach e outros idealistas.

É preciso lembrar que Marx parte sempre de um tal materialismo que vê os homens em suas condições reais e não o homem abstrato dos idealistas. Superado isso, pode-se dizer que o

---

<sup>9</sup> Aqui queremos trazer o que destaca Sílvio César Moral Marques em seu texto *Questões filosóficas decorrentes das traduções das Teses sobre Feuerbach* (2012, p. 18-19, n. 24) comentando sobre a tese IX: “(*bürgerliche Gesellschaft*) – foi traduzido por ‘sociedade civil’ (Roces, 1972; Giannotti, 1974; Badia et al., 1975; Chagas, 1984; Castro e Costa, 2007), ‘sociedade burguesa’ (Enderle et al., 2007), e ‘sociedade civil-burguesa’ (Giannotti, 2000). A palavra ‘*Gesellschaft*’ é traduzida por ‘sociedade’ (do latim *societas*), a qual, por sua vez, refere-se à companhia, associação, pessoas agrupadas, e, por extensão, aliança, união política, comunidade. Por sua vez, o termo ‘*bürgerliche*’ diz respeito aos habitantes de um burgo (aldeia, povoação) e é deste sentido que vem a tradução por civil, na direção da vida política (se traduzem para o alemão a palavra latina ‘*civilis*’ por ‘*bürgerlich*’, ‘*öffentlich*’, ou ‘*patriotisch*’). Como indica Pelczynski (apud. Ciotta, 2007, p.48), [...] o “O que Hegel, na Filosofia do Direito, denomina ‘Sociedade Civil’ é a criação positiva do individualismo e o proclama especialmente como a façanha do mundo moderno. Representa o reconhecimento crescente pela comunidade que seus membros têm direitos e interesses legítimos também como particulares, como indivíduos privados, e não unicamente como membros de um dos tradicionais agrupamentos da comunidade. Isto significa também o reconhecimento de que os indivíduos tenham opiniões pessoais sobre um amplo campo de questões, que têm direito a representar e expressar livremente, inclusive no caso de que sejam diferentes às crenças e valores estabelecidos. Claro está que, para serem aceitáveis a um homem moderno, estes princípios tradicionais devem tomar a forma de convicções racionais, ainda que sejam subjetivos, ao mesmo tempo em que a eticidade deve aparecer aos indivíduos não como algo alheio e contrário a seus interesses particulares, senão como algo inextricavelmente ligado a eles, e no qual seu interesse privado confia verdadeiramente em última instância’. Nesta direção, Löwy (2002, p.169) sustenta que “[...] *bürgerliche Gesellschaft* é ao mesmo tempo a categoria da sociedade civil, isto é, um modo ‘individualista’ de encarar as relações sociais, e a sociedade burguesa, quer dizer, a sociedade capitalista onde a burguesia é, ou tende a tornar-se, a classe dominante. [...] a ‘sociedade civil’ é a ideologia da sociedade burguesa [...]’. Assim, aqui se optou pela tradução de ‘*bürgerliche Gesellschaft*’ por ‘sociedade civil’”.

que forma a consciência (*bewusstsein*) é de fato o conjunto de relações sociais (*gesellschaftlichen verhältnisse*) no qual o homem está envolto.

É evidente que para Marx a base da formação da consciência se dá nas relações sociais. Marx enxerga o mundo como soma da atividade viva e física dos indivíduos que o compõe. Daí ele vê homens saudáveis, homens marginalizados, homens doentes, e propõe nessa ótica a mudança radical da sociedade, pelas vias do comunismo. Marx pode ser considerado genial ao trazer a filosofia para pensar a realidade “nua e crua” dos homens e fugir daquele velho modo de pensar o homem em si, um homem que não existe, um homem metafísico que pouco tem a ver com os homens reais e seus problemas cotidianos. O homem real, concreto, está em luta de classe, pois a história é essa luta de classe constante<sup>10</sup>.

Há um risco de se pensar que Marx é determinista já que é o conjunto de relações sociais que forma a consciência, então estaria o homem determinado mediante as condições materiais já dadas de modo que o indivíduo será daquele jeito que é, porque é condicionado a isso. Pensar dessa forma pode ser perigoso porque se se observa bem o conceito de atividade, ele traz em si uma dinâmica no suceder da história:

A história não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhe são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente; chega-se a desnaturar esses fatos pela especulação, fazendo-se da história recente finalidade da história anterior (MARX, 2007, p. 46-47).

Nunca o modo de atividade do homem, mesmo este tendo recebido de gerações anteriores, será o mesmo, pois é de acordo com sua realidade determinada daquele momento da

---

<sup>10</sup> Marx (2005, p. 40) no *Manifesto comunista* afirma explicitamente que a história se faz na luta, deixando explícito que a luta é uma realidade concreta do homem concreto: “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classe. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito”.

história, assim, há como que uma força criadora, ao que parece, que move o homem a fazer a atividade ser diferente. Isto porque ele, o homem, é atividade sensível.

A centralidade da produção da consciência está na produção dos meios materiais da existência dos homens. É do material, da produção, das relações sociais que se forma a consciência e não o contrário como apregoavam os idealistas alemães. Marx, mostra como se dá todo o processo de formação trazendo um mapa da realidade alemã enquanto organização estatal, isto é, ele mostra a relação e organização da burguesia com o poder em detrimento da plebe trabalhadora, servil<sup>11</sup>.

Vázquez (2011, p. 111) sintetiza o caminho marxiano do homem como atividade sensível:

Com Marx, o problema da práxis como atividade humana transformadora da natureza e da sociedade passa para o primeiro plano. A filosofia se torna consciência, fundamento teórico e seu instrumento. A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática: prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que esta relação é consciente.

Assim, pode-se concluir que o que Marx está querendo apontar a partir da ideia de pensar o homem como atividade sensível, é ver o homem como mescla de teoria e *práxis*, tendo a vida real, ou a prática, como fundamento constitutivo da teoria, e não o inverso, daí conclui-se este texto com a tese XI *ad Feuerbach*: “Os filósofos só *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; do que se trata é *transformá-lo*” (MARX, 2007, p. 103, grifo do autor). A transformação só acontece se se voltar para o material. Resta a questão: como fazer tal transformação?

## Referências

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Vol 1, tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

COSTA, F. O pensamento ontológico de Marx e os desafios da luta de classes no século XXI.

Disponível em: <http://www.blogconvergencia.org/?p=412&print=print>. Acesso em 21 de agosto de 2018.

---

<sup>11</sup> Cf. MARX, 2007, p. 34-54

ENGELS, F., *Anti-Duhring*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*. Salvador, v. 4, n. 2, dez. 2012. p. 131-166.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Trad. C. Coutinho, M. Duayer e N. Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARQUES, S. Questões filosóficas decorrentes das traduções das *Teses sobre Feuerbach*. In: *Miolo\_Rev\_Critica\_Marxista*. Vol. 35. São Paulo: 2012.

Disponível em: [http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/artigo284merged\\_document\\_269.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo284merged_document_269.pdf). Acesso em 21 de agosto de 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Trad. L. de Castro e Costa. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *O manifesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

NETTO, J. Apresentação. In: LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Trad. C. Coutinho, M. Duayer e N. Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, A. *Filosofia da práxis*. 2ª ed., Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Clacso: São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

SOBREIRA FILHO, E. *O marxismo e o problema da escolha moral*. Recife, 2010. (Tese de doutorado). Orientadora: Fernanda Jader de Magalhães Melo. UFPB/BC – CDU: 141.82 (043). 225f.

Recebido em: 18/03/2021

Aprovado em: 23/04/2021

### **Klédson Tiago Alves de Souza**

Doutorando em Filosofia pela Universidade de Coimbra (PT). Mestre em Filosofia pela UFPB. Graduado em Filosofia pela UERN. Membro dos Núcleos de Pesquisas: *Principium* (UEPB) e *NEFHEM* (UERN). Professor da Faculdade Católica Santa Teresinha – Caicó-RN.

### **Emerson Araújo de Medeiros**

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Prof-Filo/UERN). Mestre em Teologia Moral pela Pontificia Università Gregoriana, Roma-Itália (PUG). Professor da Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC-RN).